



Revista do Instituto de Estudos
Brasileiros

ISSN: 0020-3874

revistaieb@usp.br

Universidade de São Paulo
Brasil

Amoroso, Marta

Os sentidos da etnografia em Câmara Cascudo e Mário de Andrade

Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, núm. 54, março, 2012, pp. 177-181

Universidade de São Paulo

São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=405641276011>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Os sentidos da etnografia em Câmara Cascudo e Mário de Andrade

Marta Amoroso¹

Câmara Cascudo e Mário de Andrade: cartas 1924-1944. Pesquisa documental/iconográfica, estabelecimento de texto e notas.

Organizador: Marcos Antonio de Moraes; ensaio de abertura:

Anna Maria Cascudo Barreto; prefácio: Diógenes da Cunha

Lima; introdução: Ives Gandra da Silva Martins. 1ª ed. São Paulo: Global, 2010. 383 p.

As aproximações entre o modernismo literário brasileiro e a antropologia, disciplina que se institucionalizava no Brasil nas primeiras décadas do século XX, foram de toda ordem. A compilação *Câmara Cascudo e Mário de Andrade: cartas, 1924-1944*, organizada por Marcos Antonio de Moraes (prêmio Jabuti 2011, na categoria Teoria/Crítica literária), nos remete a uma delas, a que toma o debate sobre as vias de conhecimento da identidade do povo brasileiro e seu meio – a pesquisa etnográfica – como o cerne de uma amizade mantida quase sempre a distância por vinte anos, alimentada do confronto e aperfeiçoamento de métodos, estilos.

O trabalho de crítica textual e edição de manuscrito de Marcos de Moraes nos fornece o alcance e as dimensões desta amizade. Nos primeiros anos, Câmara Cascudo compartilhou com Mário de Andrade seu contato com escritores modernistas da América Latina, franqueou ao escritor paulista os principais nomes da pesquisa do folclore do Norte e Nordeste, assim como o contato com músicos, contadores de histórias, curadores. A amizade situava, por sua vez, o escritor paraibano no entroncamento sudeste da cena modernista: apresentado por Mário de Andrade, o pesquisador paraibano frequenta a página dos principais periódicos do Brasil como colaborador, e até o final da década de 1930 publicou uma dezena de livros nas casas editoriais da época.

1 Docente do Departamento de Antropologia, USP. E-mail: mramoroso@usp.br

Nas 65 mensagens de Mário de Andrade e 94 de Luís da Câmara Cascudo, conservadas em dois institutos, o Instituto Câmara Cascudo, em Natal, e o Instituto de Estudos Brasileiros, da USP, ecoa a urgência da pesquisa sobre a cultura e os costumes do Brasil, especialmente do Norte e do Nordeste. Etnografia e folclore seriam a melhor forma de garantir que a força de expressão poética popular se fizesse matéria primordial da produção literária modernista elaborada no eixo São Paulo-Natal. A correspondência inicia-se com o fascínio de Câmara Cascudo pela renovação poética e crítica de *Pauliceia desvairada* (1924) e por artigos de Mário veiculados na *Revista do Brasil* entre 1921-1924. Mário de Andrade, por sua vez, delineou na troca de cartas uma pauta conjunta de trabalho que envolveu pesquisa e reflexão sobre o Norte e o Nordeste, paisagens humanas alçadas à condição de essência da brasilidade, em contraponto à pauliceia do imigrante europeu.

A despeito das diferenças notáveis entre projetos intelectuais distintos, um pensamento de salvaguarda aproximava os autores e impulsionava a urgência das pesquisas: a cidade de Mário já mal se reconhecia, e o Ford de Câmara Cascudo estacionado nas redondezas do açude da Paraíba onde os cantadores se reuniam, juntamente com o afã do registro etnográfico, trazia a marca da modernidade dos tempos. “Estou no meio de vaqueiros e cantadores. Não há luz elétrica. A coisa que me lembra e detestavelmente o progresso é o meu Ford que está parado embaixo do telheiro. (...) Se você estivesse aqui ouvindo o cantor e as histórias dos vaqueiros...” (p. 60), registrava Câmara Cascudo em 1926.

Quanto ao projeto estético, nas palavras de Mário, tratava-se de fortalecer certa rota de fuga da literatura europeia criada no século XIX e importada pelo Brasil, pelo simbolismo e parnasianismo. Na escrita ágil e nervosa de Câmara Cascudo e na erudição do pensador paraibano, Mário reconhecia os atributos essenciais para a busca da “síntese, simultaneidade, rapidez e energia” de uma escrita brasileira com ritmo e vocabulário locais. Câmara Cascudo sinalizava ainda as possibilidades concretas do estabelecimento da rede de produtores locais e autores modernistas nacionais e latinos, agenda que tratará de aproximá-los definitivamente.

Chegar a um padrão de pesquisa etnográfica no seu formato moderno, praticado pela antropologia via trabalho de campo, foi uma longa e tortuosa trajetória para ambos os autores. “Tenho uma fome pelo Norte, não imagina”, escrevia Mário nos primeiros anos. Em um primeiro momento, a cultura material e o patrimônio histórico relacionados à arte colonial do Nordeste pareciam matéria suficiente para aplacar a carência, mas logo se revelaram paliativo insuficiente. A viagem do *Turista aprendiz* começou então a se arquitetar e, neste projeto de

pesquisa etnográfica dissimulada em passeio turístico – ou vice-versa, e aqui lembramos a extrema cautela de Mário de Andrade no uso dos termos *etnografia* e *folclore* já assinalada por Lélia G. Soares² –, a amizade de Câmara Cascudo foi central.

As cartas nos mostram o *making of* dessa construção que foi o Brasil dos modernistas, efeito calculado de duas atitudes compartilhadas por Mário e Cascudo, mas não só por eles, na condução das pesquisas. A primeira delas foi a fuga do exotismo e dos regionalismos, identificados por Mário como “um perigo” (p. 38) a seduzir os autores do Nordeste, entre eles Gilberto Freyre: “Em tese sou contrário ao regionalismo. Acho desintegrante da ideia da nação e sobre este ponto muito prejudicial pro Brasil já tão separado”. O regionalismo insistiria na diferenciação, salientando não o “caráter individual psicológico de uma raça, mas seus lados exóticos” (p. 64). As passagens relativas à organização do *I Congresso Regionalista do Nordeste* (de 1926) são especialmente esclarecedoras das posições neste debate.

A segunda atitude foi a identificada com a busca de uma definição da brasilidade: o Brasil era diverso nas suas particularidades regionais, entretanto único na condição de grande estrangeiro dentro do continente sul-americano. “Na Sulamérica nós somos um enorme estrangeiro.” (p. 148). Dar a perceber como a genialidade dos autores imprimiu, cada qual a seu modo, forma e intensidade autoral a este projeto de captar a particularidade identificadora da brasilidade é talvez a maior contribuição da coletânea.

Cascudo enveredou por monografias que rastreavam as influências ibéricas e remontavam vetustas alianças políticas da Monarquia católica na constituição do Brasil imperial, pauta que o mantinha, ainda que no Nordeste, distante do Brasil de Mário de Andrade: a *Lopez do Paraguai* (1927) se seguirão *Conde D’Eu* (1933), *Em memória de Stradelli* (1936), *O príncipe Maximiliano no Brasil*, além de ensaios lançados em periódicos, como “Buda é um santo católico?” e “O corpo do Imperador”, sobre as moléstias de D. Pedro II. São trabalhos que cobram justiça a autores e personagens do século XIX, que, como o Norte e o Nordeste, andavam esquecidos do “Brasil do Catete” – a política de intervenção nas províncias da era Vargas. Assim, a seu ver, a modelagem ibérica da religião católica preponderava nas expressões da religiosidade popular, o que garantia a unidade ao Brasil. As pesquisas etnográficas “no meio de vaqueiros e

2 SOARES, Lélia G. *Mário de Andrade e a Sociedade de Etnografia e Folclore, no Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal de São Paulo, 1936-1939*. Rio de Janeiro/São Paulo: Funarte/Instituto Nacional do Folclore/Secretaria Municipal da Cultura, 1956.

cantadores” (p. 60), felizmente, prosseguem e construirão, estas sim, o contrapeso que impulsionará o escritor para além de seu tempo. Sobre elas, tomemos como ilustração do talento de Câmara Cascudo a passagem em que descreve a mudança da paisagem no sertão paraibano, fornecendo a síntese de regimes distintos de relações entre homens, animais e ambiente: “Vaqueiros? Sumiram-se. Estamos comprando zebu, caracu, hereford etc. Bicho de comer em cocho e beber parado. Não sabe ouvir aboio nem corre no fechado da caatinga. Morre a vaquejada e com ela duzentos anos de alegria despreocupada e afoita” (p. 111).

Na mesma época, por outras vias, um herói taurepang, Macunaíma, também tratava de construir com humor a brasilidade. Mário de volta de umas férias na fazenda de Araraquara comentava com Cascudo, em 1927, ter finalizado a primeira versão de um romance no qual a geografia e a história das lendas regionais ficavam dissolvidas, as expressões locais mudavam de lugar. Na carta ressaltava ainda que partira de matéria original:

Só uma descrição de macumba carioca, uma carta escrita por Macunaíma e uns dois ou três passos do livro são de invenção minha, o resto tudo são lendas relatadas tais como são ou adaptadas ao momento do livro com pequenos desvios de intenção (...). Misturei completamente o Brasil inteirinho como tem sido minha preocupação desde que intentei me abraçar e trabalhar o material brasileiro. Tenho muito medo de ficar regionalista e me exotizar pro resto do Brasil. (p. 123)

No hiato do entreguerras, a correspondência trata das lidas dos autores em prol da institucionalização da pesquisa das manifestações populares no Brasil. Em 1936, Mário de Andrade, investido de encargos administrativos (“... me esqueci completamente de mim, não sou, sou um departamento da Prefeitura Municipal de São Paulo”, p. 275), comunica a Câmara Cascudo a criação do “Curso de Etnografia”, origem da *Sociedade de Etnografia e Folclore – SEF* (1936-1938), curso para o qual convidara a antropóloga Dina Dreyfuss, pesquisadora assistente do *Musée de l’Homme*, de Paris, que na ocasião acompanhava o marido, Claude Lévi-Strauss, professor visitante contratado pela USP. Já se mostrou como a criação da *SEF* marcou a história da disciplina da antropologia no Brasil.⁵ Marcos Antonio de Moraes foi sensível ao perceber o impacto da convivência com

3 Sobre a SEF, ver PEIXOTO, F. Lévi-Strauss no Brasil: a formação do etnólogo. *Mana*, n. 4, vol. 1, p. 79-107, 1998; VALENTINI, Luísa. *Um laboratório de antropologia: o encontro de Mário de Andrade, Dina Dreyfuss e Claude Lévi-Strauss em São Paulo*

os intelectuais franceses na reflexão de Mário de Andrade. A crítica de Mário às incursões de Cascudo pela etnologia ameríndia e pela couvade parte agora de uma definição moderna da pesquisa etnográfica; Mário naquele momento viabilizava a ida a campo do casal francês. Cascudo realizara “Uma interpretação da couvade”⁴ a partir da documentação bibliográfica (p. 277); Mário de Andrade agora refletia sobre os limites desse formato de pesquisa: “qualquer individuíno que passar dois meses com os Tapirapés, mesmo falho e escrevendo cinco páginas, fará coisa melhor e de interesse etnográfico” (p. 293).

Mantendo cada vez maior distância dos institutos burocráticos e do “palavrório”, Câmara Cascudo coordenou nos anos 1940 a criação da *Sociedade Brasileira de Folclore*. Na avaliação arguta de Mário de Andrade, a SBF e outras instituições similares da época acumularam entre seus feitos “a libertação desses grupos (populares) do excessivo controle policial e do pagamento de taxas de licença estaduais e municipais proibitivas. (...)” (p. 321). Uma pequena mudança de atitude para com as manifestações da religiosidade e cultura popular, que repercutiu na forma de estímulo para que grupos investissem nos seus calendários de festas.

(1935-1938). São Paulo, 2010. 234 f. Dissertação (Antropologia Social) – FFLCH/USP, 2010.

4 *Revista do Arquivo Municipal*, v. 3, n. 29, São Paulo, nov. 1936.

